

Vol. 19, Número 1, jan-jun, 2026, pág. 27- 41

Diálogos sobre o experimento cênico *A cor da hipocrisia*¹

Dialogues about the theatrical experiment *The Color of Hypocrisy*

Josivando Ferreira da Cruz²

Jacqueline Rodrigues Peixoto³

RESUMO

O estudo aborda o processo criativo do experimento cênico *A Cor da Hipocrisia*, com o objetivo de compartilhar os conhecimentos agregados nessa experiência formativa. O experimento cênico, desenvolvido no curso de Licenciatura em Teatro do IFCE, em 2024.1, articula teorias e práticas em uma criação artística-educativa voltada às relações étnico-raciais, configurando-se como pesquisa qualitativa, bibliográfica e empírica. A dramaturgia e encenação problematizam questões étnico-raciais no contexto educacional enquanto uma iniciativa de combate ao racismo por meio da cena teatral. Os resultados do processo criativo incluem a construção de uma dramaturgia autoral e sua encenação colaborativa, que possibilitou aprendizagens dinâmicas, emancipatórias e humanitárias. A encenação configurou-se como uma expressão artística-pedagógica, refletindo o compromisso dos artistas-docentes com a profissionalização e com as questões étnico-raciais no teatro e na educação.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Dramaturgia Negra. Teatro Negro.

ABSTRACT

The study addresses the creative process of the scenic experiment *The Color of Hypocrisy*, with the aim of sharing the knowledge gained from this formative experience. The scenic experiment, developed in the Theater Licentiate Program at IFCE in the first semester of 2024, articulates theories and practices in an artistic-educational creation focused on ethnic-racial relations, establishing itself as qualitative, bibliographic, and empirical research. The dramaturgy and staging address ethnic-racial issues in the educational context as an initiative to combat racism through theatrical performance. The results of the creative process include the development of an original dramaturgy and its collaborative staging, which enabled dynamic, emancipatory, and humanitarian learning. The staging was conceived as an artistic-pedagogical expression, reflecting the commitment of artist-educators to professionalization and to ethnic-racial issues in theater and education.

Keywords: Antiracist Education. Black Dramaturgy. Black Theater.

1 INTRODUÇÃO

¹ O artigo constitui um recorte introdutório da minha pesquisa de monografia em andamento que, embora escrito em primeira pessoa do singular, foi desenvolvido com orientação e colaboração docente, razão pela qual a professora orientadora entra como coautora.

² Mestre em Educação pela UFRN. Especialista em Literaturas Africanas em Língua Portuguesa pela UNILAB e em Práticas Pedagógicas pelo IFES. Pedagogo pela UECE. ORCID: 0000-0001-7387-4735

³ Doutora e Mestre em Educação pelo PPGE da UECE. Docente da Licenciatura em Teatro do IFCE. ORCID: 0000-0003-0944-8699

O estudo em tela trata de uma breve discussão acerca do processo criativo do experimento cênico denominado *A Cor da Hipocrisia*. O experimento cênico em questão foi desenvolvido sob a mediação docente ao longo das disciplinas *Análise e Criação de Texto para o Teatro* e *Técnicas de Encenação*, do curso de Licenciatura em Teatro, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, no período de 2024.1.

A temática em pauta na encenação origina-se de inquietações tanto de cunho pessoal quanto social, por tratar das relações étnico-raciais no âmbito das negritudes. Assim, emerge o interesse em discutir assuntos como o racismo reproduzido na sociedade, especificamente no ambiente escolar, por meio da encenação teatral.

Diante disso, a relevância do estudo consiste na necessidade de problematizar o racismo reproduzido na sociedade, e para esse intuito, como estratégia de efetivação da proposta, recorreu-se aos contextos artístico e educacional. Frente ao desafio de criar uma experimentação cênica que dialogasse com o interesse apontado, a criação de ideias e o desenvolvimento da proposta ocorreram simultaneamente ao longo das disciplinas supracitadas. A primeira disciplina mencionada concentrou-se mais especificamente na construção da dramaturgia textual, enquanto a segunda direcionou-se para a experimentação das poéticas corporais, ou seja, a criação das cenas.

Isto posto, a pesquisa é constituída pelo entrelaçamento de teorias e práticas alicerçadas em uma proposta de criação artística e educativa pautada nas relações étnico-raciais, configurando-se, por assim dizer, em uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico e empírico. Segundo Minayo (2002), a abordagem qualitativa de uma pesquisa consiste em referenciar a construção do conhecimento, atribuindo significados às questões que compõem a diversidade social e permeiam o tecido das relações humanas. Assim, os pressupostos de uma pesquisa qualitativa estão, na maioria das vezes, atrelados à realização de um estudo integrado ao contexto das Ciências Humanas, comprometido com a construção de saberes que atravessam e, até mesmo, podem ressignificar, quando necessário, o modo como as estruturas sociais são regidas.

À vista disso, o desafio de criar uma encenação teatral que discutisse a temática étnico-racial configurou-se como um feito significativo, tanto para mim, enquanto artista-docente negro em formação, quanto para as demais pessoas envolvidas. Isso porque, segundo as vivências compartilhadas durante a realização do processo criativo, essas pessoas

relataram que também eram e são atravessadas pelas questões raciais em suas relações cotidianas. Além disso, os assuntos abordados assumem um caráter artístico-formativo, podendo contribuir para as áreas de estudos em relações étnico-raciais, teatro e educação.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é compartilhar um pouco dos conhecimentos agregados sobre o processo criativo do experimento cênico *A Cor da Hipocrisia*. Para isso, o estudo enfatiza alguns pontos específicos, como a construção da dramaturgia, a criação das cenas e a apresentação do experimento cênico.

A construção do texto teatral intitulado *A Cor da Hipocrisia* ocorreu durante a disciplina *Análise e Criação de Texto para o Teatro*, no período 2024.1. Com o acompanhamento da professora responsável, o processo foi inicialmente instigado por meio da promoção de conhecimentos relacionados ao campo de desenvolvimento de textos teatrais. A ementa da disciplina foi composta com obras de autores como Sarrazac (2007), com *Léxico do drama moderno e contemporâneo*; Magaldi (2001), com *O texto no teatro*; Pallottini (2006), com *O que é dramaturgia*; Ryngaert (1996), com *Introdução à análise do teatro*; entre outros, que se mostraram pertinentes para a compreensão das estruturas de diferentes tipos de textos teatrais.

Além dos fundamentos teóricos, a disciplina também propiciou o contato com alguns modelos de textos literários no campo teatral, tais como *As Três Irmãs*, de Anton Tchekhov; *Woyzeck*, de Georg Büchner; *Vai e Vem*, de Samuel Beckett; entre outros, com o objetivo de ampliar a bagagem de conhecimentos sobre diferentes possibilidades de escrita de textos de teatro. Essas são algumas das bases teóricas e literárias que compuseram a ementa da disciplina, servindo como pontapé inicial para que cada discente trilhasse seus próprios caminhos e interesses temáticos, sendo acompanhado, de forma tanto coletiva quanto, em alguns momentos, individual, pela professora.

Dito isto, os caminhos trilhados por mim, advindos de inquietações que atravessam a minha vida, levaram-me a uma proposta de elaboração de um texto teatral entrelaçado às questões étnico-raciais. Dentre os diferentes assuntos pautados em sala de aula, senti a necessidade de desenvolver algo que discutisse o racismo reproduzido no meio social. Ao partilhar meu interesse temático com a professora, ela me auxiliou no processo de busca por referências e acontecimentos relacionados ao tema almejado.

Assim, a fundamentação teórica que sustenta a criação do experimento cênico, em consonância com o desenvolvimento deste estudo, baseou-se na promoção de um teatro de

caráter político e negrorreferenciado. Para esse fim, inspirei-me em autores como Boal (2013), no que se refere à manifestação de um teatro político pautado em questões sociais, juntamente com as reflexões de Nascimento (2004) sobre a promoção de um teatro negro que dialogue mais precisamente com as relações étnico-raciais, além de outros autores que abordam essa temática.

No que tange à importância da promoção de uma arte comprometida com as causas sociais, Boal (2013) faz alusão à criação de um teatro político que confronte a lógica capitalista. Isso revela que tanto o teatro quanto a arte, em suas diferentes linguagens, podem desafiar as ordens dominantes, a fim de gerar processos emancipatórios e humanitários.

Além disso, o autor destaca que “todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas” (Boal, 2013, p. 13). Diante desse enunciado e ciente de que o teatro se configura também como um ato político, Boal (2013) enfatiza que, se a classe dominante utiliza o teatro como arma de dominação, cabe à classe dominada o uso do teatro como instrumento de libertação.

Partindo desse entendimento e centrando o assunto na temática proposta, faz-se alusão à importância de um teatro entrelaçado às relações étnico-raciais, que toma partido dos anseios das negritudes, as quais, diante de um passado-presente marcado pela colonização, lutam e resistem pela superação do racismo e de suas consequências. Nesse sentido, o teatro negro surge também como um desdobramento teórico indispensável, servindo como norte para a elaboração de uma dramaturgia negrorreferenciada.

Partindo de observações realizadas por Abdias Nascimento em seu contexto e período, ele percebeu que o teatro brasileiro refletia os impactos da colonização, sendo marcado pela reprodução de um teatro com forte influência portuguesa (Nascimento, 2004). Diante disso, o autor e artista se posicionou e assumiu o compromisso de romper com essa forma de pensar e fazer teatro, alienada às doutrinas coloniais, tornando-se, na década de 1940, o idealizador do Teatro Experimental do Negro - TEN no país.

Segundo o autor, no período em que se encontrava, a sociedade brasileira marginalizava o negro nos diferentes setores sociais, usurpando a possibilidade de sua representação, de seus valores e de sua identidade na cena teatral. No teatro, os papéis relevantes eram assumidos por pessoas brancas pintadas de pretas, enquanto aos intérpretes negros eram atribuídos papéis que imprimiam ridicularização, rejeição e conotações

pejorativas de sua identidade, valores e ancestralidades. Diante de um cenário onde o racismo se reverberava escancaradamente, o autor/artista se engajava na promoção de um teatro negrorreferenciado.

Engajado a estes propósitos, surgiu, em 1944, no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro, ou TEN, que se propunha a resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana européia, imbuída de conceitos pseudo-científicos sobre a inferioridade da raça negra. Propunha-se o TEN a trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte (Nascimento, 2004, p. 210).

Diante do exposto, a necessidade de promover um teatro negro que se pautasse mais precisamente nas necessidades das populações negras tornou-se essencial para afrontar a lógica colonial que, até então, predominava fortemente na cena teatral brasileira. O TEN visou e visa superar as injustiças raciais provocadas pela invasão colonial e promover a valorização do negro por meio de um teatro e uma educação antirracista.

Relacionando a discussão ao contexto atual e considerando também os motivos que me levaram à escolha temática, enquanto uma pessoa negra em constante luta contra o racismo, o texto teatral *A Cor da Hipocrisia* foi tecido também com acontecimentos que atravessaram minhas vivências, incluindo situações em que a discriminação ocorreu por conta da minha cor de pele em alguns setores sociais e até mesmo no próprio ambiente familiar. A reprodução do racismo acontece tanto de forma consciente quanto inconsciente na sociedade, e o seu enfrentamento consiste em batalhas diárias travadas tanto externamente quanto internamente.

De acordo com Sousa (1983), diante da hierarquização racial implementada de forma subjetiva e objetiva na sociedade, que por sua vez é ancorada nos pilares coloniais, o negro e sua história passaram a ser negados no contexto em que estão inseridos, em detrimento da ascensão do perfil cristalizado do branco colonizador. E no tocante ao assunto, durante as pesquisas realizadas no desenvolvimento do texto teatral, deparei-me com um noticiário onde o racismo manifestou especificamente a problemática levantada pela autora. O caso aconteceu no Rio Grande do Sul, em fevereiro de 2024, onde ocorreram manifestações e testemunhos de um caso de racismo reproduzido pelas forças policiais.

A situação também serviu de gatilho para a escrita do texto teatral, pois o caso do

homem negro que foi agredido por um homem branco e, ao chegar à polícia, chamada pelo próprio homem negro, acabou sendo preso, enquanto o homem branco ficou impune e livre. Esse caso foi noticiado pelo site *Diário de Pernambuco* (Correio Braziliense, 2024). Assim, a dramaturgia da cena também se baseou em noticiários, permitindo menções e problematizações sobre essa discriminação cometida por aqueles que deveriam defender aqueles que, historicamente foram perseguidos, explorados e até mesmo exterminados pela lógica colonial.

Salienta-se, ainda, no campo da literatura, a obra *Menina Vitória*, de Santos (1977), como base inspiradora para a construção da dramaturgia textual, relacionando-a a alguns acontecimentos pessoais e com as pesquisas realizadas. A escolha da obra literária se deu devido à sua relevância social, pois ela discute questões raciais através da sua narrativa, problematizando a reprodução do racismo, especificamente no ambiente escolar.

Quanto à estrutura desta pesquisa, ressalta-se, por sua vez, que se encontra esquematizada nesta *introdução*, com apresentação do tema investigado, a relevância do estudo, a abordagem metodológica e seus objetivos. A *metodologia*, pontua a construção da dramaturgia textual do experimento, assim como os procedimentos de criação das cenas, ou seja, a poética do corpo teatral; Os *resultados e discussões* direcionam para a apresentação do experimento, pontuando também alguns pontos resultantes da experiência criativa e formativa. As *considerações finais* representam o encerramento desta proposta de discussão, mas não no sentido de conclusão da pesquisa, e sim de um ciclo para que, então, abram-se outras que venham a se desdobrar adiante. E, por último, mas não menos importante, as *referências*, onde se apresentam as fontes do material utilizado na construção do estudo.

2 METODOLOGIA

A encenação teatral foi desenvolvida ao longo do mesmo período letivo, 2024.1, na disciplina *Técnicas de Encenação*, sob a mediação da mesma professora responsável pela disciplina mencionada anteriormente. O estudo e a criação das cenas tiveram início após a conclusão da produção da dramaturgia textual intitulada *A Cor da Hipocrisia*. O título do texto teatral passou a ser também o título do experimento cênico criado.

Como as duas disciplinas aconteciam paralelamente — sendo a primeira ministrada às quartas-feiras e a segunda às quintas-feiras, ambas no período da tarde —, todo o processo

criativo ocorreu de forma integrada, em que uma disciplina complementava a outra. Enquanto na primeira se estudava e elaborava a dramaturgia textual, na segunda eram aprendidas as técnicas e os princípios da encenação.

Assim, a ementa desta disciplina ancorava-se em obras como *A Preparação do Diretor*, de Bogart (2011); *A Linguagem da Encenação Teatral*, de Roubine (1998); e *Diálogo sobre a Encenação: Um Manual de Direção Teatral*, de Wekwerth (1997), entre outras, para a realização de estudos fundamentados nos princípios e conceitos atrelados à encenação teatral. As aulas práticas também contaram com a colaboração do campo literário, incluindo obras como *A Antígona de Sófocles*, de Bertolt Brecht; *A Gaivota*, de Anton Tchekhov; entre outras, que contribuíram com formações indispensáveis para o campo da composição cênica, diante dos experimentos criativos fomentados pela professora.

Uma vez explanada a ementa da disciplina, pontuam-se os processos de criação da encenação. Com o texto teatral já concluído, o processo de criação foi iniciado com a apresentação dos projetos textuais ao público discente da instituição, especialmente aos graduandos do curso de Licenciatura em Teatro. O interessante é que o convite podia ser estendido também ao público externo ao IFCE, possibilitando a participação de estudantes de outras instituições e demais pessoas interessadas, ampliando, assim, o alcance e a troca de experiências durante o desenvolvimento do experimento cênico.

A apresentação dos projetos textuais configurou-se como um momento de convite ao público para participar das encenações. Em outras palavras, tratou-se de uma busca por atores e atrizes que colaborassem no desenvolvimento das cenas. O evento ocorreu no dia 8 de agosto de 2024, contando com a apresentação de projetos por grande parte da turma, promovendo um espaço de troca e incentivo à participação no processo criativo teatral.

No caso do meu projeto textual de encenação, contei com a colaboração de seis pessoas, sendo quatro para atuação e duas para suporte técnico, enquanto eu desempenhava a função de encenador. Os critérios de inclusão para atuação na cena levaram em consideração os perfis dos personagens do texto teatral, de forma que a maioria dos intérpretes deveria ser composta por pessoas negras e apenas uma pessoa branca. Assim, a composição da cena incluiu três pessoas negras e uma branca para atuação, enquanto o suporte técnico foi formado por duas pessoas brancas. A pauta da identidade racial foi previamente partilhada com os participantes, que relataram como se identificavam racialmente antes de se disporem a colaborar no desenvolvimento do processo criativo.

Figura 1 – Integrantes do grupo do processo criativo.



Fonte: Acervo do autor, (2024).

Uma vez que o grupo já estava formado, o próximo passo foi iniciar os ensaios, os quais ocorreram entre os dias 9 de agosto e 16 de setembro de 2024. Juntamente com o grupo colaborador, os ensaios foram realizados às terças-feiras, na sala Lic 2, das 18h às 21h, e às sextas-feiras, na sala Zen, das 9h às 12h. Ambas as salas estão localizadas na Casa de Artes do IFCE.

Ao todo, foram realizados sete ensaios, organizados em atividades conforme a seguinte estrutura:

1º ensaio - Apresentação do/entre os colaboradores do processo criativo; discussão sobre relações étnico-raciais (identidade negra), com base nas reflexões de Andrews (2015) e Moura (2020); leitura dramática do texto teatral *A Cor da Hipocrisia*.

2º ensaio - Diálogos e trocas de ideias sobre a composição de cenas; estudo do texto teatral (ensaio das cenas); discussão sobre cenário.

3º ensaio - Estudo do texto teatral (ensaio das cenas); discussão sobre sonoplastia.

4º ensaio - Ensaio das cenas (com cenografia e sonoplastia).

5º ensaio - Ensaio das cenas (com cenografia e sonoplastia); discussão sobre figurino.

6º ensaio - Ensaio das cenas (com cenografia e sonoplastia); experimentação de figurino.

7º ensaio - Ensaio final das cenas (com cenografia, sonoplastia e figurino).

Os ensaios ocorreram de forma dialógica, e o texto teatral foi sendo readaptado conforme as necessidades que surgiam ao longo do processo. As adaptações foram sugeridas tanto pelos atores e atrizes quanto pelo suporte técnico, garantindo um processo criativo colaborativo. A professora acompanhou de perto o desenvolvimento do trabalho, mantendo contato constante comigo e promovendo momentos de partilha e socialização entre a turma durante as aulas.

Além disso, a professora dedicou alguns dias para acompanhar os ensaios de cada grupo individualmente, com o objetivo de oferecer uma atenção minuciosa e contribuir para o enriquecimento das criações cênicas. No caso do meu grupo, ela esteve presente no ensaio realizado em 6 de setembro de 2024, onde pôde avaliar o processo e oferecer sugestões que potencializaram o experimento cênico. O acompanhamento docente favoreceu o processo colaborativo, que, por sua vez, buscou não apenas preparar o elenco para a apresentação, mas também integrar elementos do texto teatral com as contribuições pessoais destacadas por cada participante, criando um experimento cênico alinhado ao propósito artístico e formativo em construção.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As apresentações das cenas estavam programadas para acontecer nos dias 17 e 18 de setembro de 2024, no encerramento do período letivo. A apresentação do experimento cênico dirigido por mim ocorreu no dia 18, às 18h30. Durante o processo de ensaios, também dialogamos sobre a arte de divulgação da cena. Considerando a dramaturgia textual da cena, articulamos ideias que foram posteriormente aprofundadas por mim e por um integrante do suporte técnico, o que resultou na criação do card de divulgação. Esse card foi uma importante ferramenta de comunicação para atrair o público e fortalecer a conexão entre o experimento cênico e a comunidade interna e externa ao IFCE, permitindo que mais pessoas se envolvessem com a temática proposta.

Figura 2 – Arte de divulgação da cena.



Fonte: Acervo do autor, (2024).

A arte de divulgação, além de trazer informações sobre a data, local e horário da apresentação, possui uma estética visual que representa uma sala de aula, com cadeiras enfileiradas e identificadas por uma variação de cores que vai do branco ao preto, simbolizando as diferentes nuances de identidade racial. Na mesa docente, um pó branco de maquiagem foi colocado, representando as tentativas de embranquecimento da pele negra, uma alusão crítica ao racismo estrutural e às imposições sociais que tentam apagar ou desvalorizar as identidades negras.

Ao tratar das questões de embranquecimento da pele negra, o assunto dialoga diretamente com os pensamentos de Sousa (1983), que problematiza a negação da identidade afroancestral por parte de pessoas negras. Essas, ao não possuírem um conhecimento crítico e reflexivo sobre sua identidade racial, acabam por negar suas raízes, buscando se alinhar ao modelo tradicionalista que eleva o branco como superior. Este fenômeno reflete a internalização do racismo e da ideia de que a identidade negra, por ser considerada inferior, deve ser apagada ou modificada para que o indivíduo se enquadre nas normas sociais dominantes.

Em complemento, Santos e Neto (2011, p. 520) destacam que:

Devido aos vários grupos humanos que constituíram a sociedade brasileira, o contexto das diferenças no Brasil passa, necessariamente, por um recorte étnico-racial, questão presente nas construções e práticas sociais. A diferença étnico-racial provoca uma série de relações baseadas em critérios capazes de estigmatizar determinados sujeitos ou grupos em função de traços ou características biológicas. Na sociedade brasileira, as relações se estabelecem baseadas em estereótipos que têm como padrão ideal o homem branco, de pele clara e cabelos lisos. Todos que se afastam desse padrão vão adquirindo ares de inferioridade...

Este ponto de vista reforça a crítica à imposição de um padrão estético e comportamental que exclui e marginaliza a identidade negra, criando barreiras que dificultam a valorização da cultura afroancestral. Para a ruptura desse ideário conservador e colonial, a sociedade brasileira carece de medidas combativas ao racismo, capazes de sensibilizar e conscientizar toda a população, e não apenas as pessoas negras, sobre a importância de combater as injustiças raciais e as diferentes formas de opressão.

Nesse sentido, a encenação dessas questões, em que a discriminação racial atravessa o indivíduo não apenas no contexto externo, mas o consome internamente ao ponto de fazê-lo rejeitar sua identidade racial em prol de aceitação ou ascensão social, torna-se um dos desafios a ser expressado pelos atores e atrizes do experimento cênico. Cientes da gravidade do assunto abordado, estes/as se dedicaram da forma mais poética possível, buscando não apenas representar a dor e o conflito, mas também encontrar maneiras de expressar essa complexidade de forma sensível e, de certo modo, agradável. Ao fazer isso, conseguiram até mesmo cativar os sorrisos da plateia, estabelecendo uma conexão emocional com o público.

Em se tratando da plateia, ela foi organizada de acordo com a proposta de palco de cada grupo e sua respectiva apresentação. No caso do meu grupo, optamos por utilizar o modelo de palco em meia-lua, fazendo com que uma parte da plateia se integrasse ao cenário do experimento, ou seja, tornasse-se parte da sala de aula representada na encenação.

Figura 3 – Cenas da apresentação.



Fonte: Acervo do autor, (2024).

Durante o andamento da cena, uma parte do público ao redor reagia às situações encenadas, enquanto o público que compunha o cenário, sentando-se nas cadeiras de estudantes, participava, em alguns momentos, dos diálogos e discussões estabelecidas entre os atores e atrizes.

O suporte técnico também desempenhou um papel fundamental na execução da cena. Uma pessoa ficou responsável pela iluminação, enquanto outra ficou encarregada de capturar registros fotográficos. Eu, por minha vez, fiquei à frente da reprodução da sonoplastia que acompanhava a narrativa. A professora também contribuiu para o bom andamento da apresentação, auxiliando nas tramitações técnicas como no manuseio dos equipamentos disponíveis na sala.

Ao final da apresentação, todos os integrantes do grupo, junto com a professora, agradeceram ao público pela atenção e colaboração durante a encenação. Após os agradecimentos, o grupo se retirou para organizar e dar andamento à apresentação seguinte, mantendo o foco na programação da disciplina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do processo criativo do experimento cênico não foi fácil, porém, foi gratificante. Os valores significativos não se restringem à consolidação de um produto final, mas às aprendizagens tecidas ao longo do processo.

A construção do texto teatral tratou-se de um grande feito pessoal, pois, partindo das minhas pesquisas, leituras e vivências, pude elaborar uma dramaturgia na qual me sentisse representado. Penso ainda que a representatividade não se limita exclusivamente ao meu campo individual, mas possui uma abrangência social, pois as questões étnico-raciais, de um jeito ou de outro, atravessam todos os sujeitos que compõem a sociedade.

A criação da encenação foi uma experiência bastante enriquecedora. Em vários momentos, tive medo e insegurança em tomar a frente do processo, até mesmo antes de lançar o convite de participação ao público e os ensaios com os colaboradores. Mas a professora, com todo o seu cuidado, incentivou-me e auxiliou-me durante todo o processo. Além disso, todas as pessoas que integraram o grupo foram bastante atenciosas e engajadas no processo, tornando, por assim dizer, os momentos de aprendizagem coletiva prazerosos e relevantes.

A apresentação do experimento cênico aconteceu de forma gradativa. Os atores, as atrizes e a equipe de suporte técnico, após a apresentação, reuniram-se comigo e compartilharam suas sensações e emoções. E, como forma de autoavaliação do meu desempenho diante da condição de encenador, solicitei aos que se sentissem bem e à vontade que respondessem a um formulário sobre o processo criativo, pontuando aprendizagens no âmbito das relações étnico-raciais, do processo de criação das cenas e da minha mediação artístico-pedagógica. Os comentários irão compor a escrita da monografia do curso.

Ressalta-se, ainda, que esse processo criativo, construído de forma colaborativa, permitiu uma aprendizagem dinâmica, respeitando as individualidades de cada integrante e integrando-as ao experimento cênico *A Cor da Hipocrisia*. Isso garantiu que a encenação fosse não só uma representação do que estava presente no texto teatral, mas um reflexo artístico e também pedagógico de artistas-docentes empenhados tanto na profissionalização quanto no compromisso com as questões étnico-raciais através do teatro e da educação.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, George Reid. Mobilização política negra no Brasil, 1975-1990. **História: Questões & Debates**, Curitiba, volume 63, n.2, p. 13-39, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/46701>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CORREIO BRAZILIENSE. **Racismo:** homem negro chama polícia após ameaça de morte no RS e acaba preso. Site Diário de Pernambuco, 2024. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2024/02/racismo-homem-negro-chama-policia-apos-ameaca-de-morte-e-acaba-preso.html>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, Clóvis. **Racismo e luta de classes no Brasil:** textos escolhidos por Clóvis Moura. Editora Terra Sem Amos: Brasil, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, 2004.

SANTOS, Arnaldo. A menina Vitória. In: **Prosas**. Luanda: UEA, 1977.

SANTOS, Marzo Vargas dos; NETO, Vicente Molina. Aprendendo a ser negro: a perspectiva dos estudantes. **Cadernos de Pesquisa: revista de estudos e pesquisa em educação**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6208545.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2025.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Submetido: 30/11/2025

Aprovado: 15/12/2025

Publicado: 01/01/2026

Autoria:

Josivando Ferreira da Cruz, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7387-4735>

Mestre em Educação pela UFRN. Especialista em Literaturas Africanas em Língua Portuguesa pela UNILAB e em Práticas Pedagógicas pelo IFES. Pedagogo pela UECE. Licenciando em Teatro pelo IFCE. Formação em Danças Urbanas e Teatro pela Rede Cuca.

Contribuição de autoria: Desenvolvimento da pesquisa e escrita do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3762325046885256>

E-mail: josivanfc10@gmail.com

Jacqueline Rodrigues Peixoto, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0944-8699>

Doutora e Mestra em Educação pelo PPGE da UECE. Docente da Licenciatura em Teatro do IFCE. Graduação em Pedagogia pela UECE e em Artes Cênicas pelo IFCE.



Técnica em Dança pelo SENAC e IACC. É atriz, dançarina, performer, educadora, mulher e mãe.

Contribuição de autoria: Orientação e escrita do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5637798510840706>

E-mail: jacqueline.peixoto@ifce.edu.br